

16. O teste do despertar matutino

São Bento, no Prólogo de sua Regra, escreve: “Como, pois, irmãos, interrogássemos o Senhor a respeito de quem mora em sua tenda, ouvimos em resposta, qual a condição para lá habitar (cf. Pról. 23ss): se cumprimos com a obrigação do morador” (Pról. 39)

São Bento diz: “*si compleamus habitatoris officium* – se cumprimos com a obrigação do morador”. Habitar é uma tarefa, um trabalho, uma ascese. Mas à luz do que meditamos é importante compreender que a verdadeira essência deste trabalho de nossa liberdade é a familiaridade com Deus. Deus não nos chama a viver na sua tenda, e muito menos a construir a sua casa porque lhe interessa a tenda ou casa ou porque deseja que a casa “funcione”. Deus quer habitar conosco vivendo uma familiaridade, uma relação de amizade. Sem isto, nada tem sentido, sobretudo viver em comunidade, viver em um mosteiro ou qualquer outra coisa de semelhante. Tudo na Igreja nos é dado pelo Senhor para vivermos em comunhão com Ele. Por isso, como lemos no Apocalipse, Jesus está à porta e bate e para isto quer entrar: para ceiar conosco e nós com Ele (cf. Ap 3,20)

Mas a familiaridade com Deus não é como uma casa em que podemos habitar quando a terminamos. É como o amor conjugal: não se constrói fazendo primeiro um curso na universidade e para depois ir com o diploma dizer à amada que agora podem amar-se. Constrói-se vivendo, talvez até mal, certamente vive-se mal este amor no início ou com muitos momentos de crise, mas tudo faz parte da construção de uma familiaridade que é um exercício. É como aprender a tocar um instrumento: a teoria é útil para ler as notas e para não confundir um violoncelo com um tambor, mas aprende-se a tocá-lo tocando, familiarizando-se com o instrumento, quem sabe através das dificuldades dos inícios, quando não se consegue tocar nada que seja belo.

“*Si compleamus habitatoris officium*” – se cumprimos com a obrigação do morador” (RB Pról. 39). É possível compreender que por trás deste “se” de São Bento há uma provocação dirigida a nossa liberdade. Queremos verdadeiramente habitar na tenda do Senhor, na casa de Deus? Ou seja, queremos verdadeiramente ser familiares de Deus em Cristo?

Não se pode dar por certo que o queiramos verdadeiramente. Podemos todos fazer um teste. Quando acordamos pela manhã, antes de levantar da cama, como pensamos no dia que começa? Por que nos levantamos? Confesso que frequentemente começo a pensar nas coisas a fazer, nos problemas a enfrentar, nas pessoas que devo procurar ou encontrar, nas coisas que deveria ter feito ontem e que não consegui ainda fazer ou terminar... Vem então a primeira tentação: dizer para mim mesmo que também hoje não farei tudo que deverei fazer. Assim, o dia, ainda antes de iniciar, torna-se como o dia de um condenado a trabalhos forçados. É um dia em que só há o “dever fazer” e o próprio “eu” que desperta é como alguém subitamente esmagado por uma montanha que sobre ele se desmorona.

Soljenítsin expressou muito bem tudo isto nas suas obras sobre o campo de concentração. Penso, por exemplo, no livro *Um dia de Ivan Denissovic*. Todo o seu dia é uma luta para sobreviver, para salvar a si mesmo e seu próprio interesse nos mínimos detalhes. Por isso, cada mínimo detalhe, o que se come, poder aquecer-se um pouco no inverno siberiano etc., com o tempo torna-se mais importante que a vida e a liberdade. O protagonista, Sciuchov, pergunta-se por fim “se ele deseja a liberdade ou não”, e não sabe o que responder. Mas ao menos admite: “Desejaria a liberdade apenas para voltar para casa. Mas para casa não o fariam voltar...”, ou seja, o desejo de familiaridade que é fundamental no coração humano, desvanece de repente no ceticismo.

A seu lado, nos leitos do dormitório do campo, está um jovem de confissão batista, que reza e lê o Evangelho. Este, mesmo se um pouco fundamentalista, tira de sua fé a força ingênua para aceitar que sua casa seja o campo, porque vive para Cristo e com o Cristo. E o protagonista, mesmo se não tem esta fé, reconhece que o jovem vive com uma liberdade e plenitude que ele não tem: “Alioscia não mente (...) e por sua voz e por seus olhos pode-se ver que está contente por achar-se aqui preso.” E ele lhe diz: “Olha, Alioscia (...) fica muito claro em ti: Cristo te ordenou viver na prisão e tu, por Cristo, acabaste nela. Mas eu, por que acabei aqui? Porque em 41 não estávamos prontos para a guerra. E eu, que tenho a ver com isso?” (A. Soljenítsin, *Um dia de Ivan Denissovic*, Ed. Garzanti 1974, pp. 200-201).

Bem, talvez alguns de nossos dias possam ser também como um campo de concentração soviético, mas a questão que conta é a razão pela qual nos dispomos a viver a vida, a estar na vida, a enfrentar a realidade. “E eu, que tenho a ver com isso?”, poderemos dizer como Sciuchov. Que temos a ver com a realidade que nos toca viver, com as pessoas com quem temos que passar o dia, trabalhar, com a nossa comunidade, com a nossa família etc.? O que tenho a ver com a situação da sociedade, com a situação do mundo inteiro ou com a doença que me atingiu ou os problemas do trabalho? Que tenho a ver com a situação da Igreja, com o problema das vocações ou dos jovens de hoje e com o envelhecimento de tantas comunidades? Que tenho a ver com meu caráter, meus problemas psicológicos e, sobretudo, com os dos outros?

Pois bem, quando estamos para levantar pela manhã, poderemos até dizer que, no fundo, nada temos a ver com o dia que inicia, porque lidamos com o dia como que através de um filtro, o da presunção de dever nós mesmos atribuir valor ao dia ou de dever o próprio dia atribuir valor a nós. Temos a presunção de dever fazer bela e interessante a realidade deste dia através do que fazemos ou do que temos. E pretendemos que a realidade do dia nos satisfaça com o que será ou nos trará. Mas a presunção nos engana, porque nos ilude fazendo-nos crer que temos contato direto com a realidade, contato entre nós e a realidade, devendo tudo resolver-se entre nós e a realidade, entre o que somos e o que é a realidade, pelo que ou está bem ou está mal, ou me agrada ou me desagrada, não havendo outro valor entre mim e o real a não ser o meu interesse, o meu projeto, o meu prazer.

Quando a encaramos assim, é verdade que a vida cedo ou tarde dará medo, não se tem o desejo de vivê-la, porque esta pretensão acaba por nos desiludir. Porque, devemos reconhecê-lo, a realidade não foi feita para nos satisfazer. Ou melhor: não fomos feitos para satisfazer-nos com a realidade cotidiana em que vivemos. Fomos feitos para satisfazer-nos, para ser felizes *na* realidade cotidiana em que vivemos, mas não *pela* realidade cotidiana.

É este o grande erro dos ricos que Jesus condena no Evangelho; creem que os celeiros cheios são uma satisfação, uma alegria, uma plenitude para sua vida. Mas isto não é verdade, não é verdade ontologicamente, porque nosso coração foi feito para outra coisa. Mesmo se aquele rico insensato não tivesse morrido na noite seguinte, mesmo se tivesse vivido cem anos gozando do que havia estocado em seu celeiro, mesmo neste caso não teria sido feliz, não teria estado satisfeito, porque seu coração foi sido feito para outra coisa (cf. Lc 12,15-21).

Mas quando se vive a realidade para viver nela, nas circunstâncias tais quais se apresentam, aquilo para o que nosso coração foi criado, então tudo muda. Então “temos a ver” mesmo com as piores condições, como as de um campo de concentração.